

Entrevista



Makely Ka

Poeta, compositor e produtor

Criador intenso, este piauiense criado em Minas transita por vários gêneros artísticos. Fez da atividade cultural o seu ganha-pão e vem colhendo os frutos em mais de dez anos se dedicando à poesia, à música e em qualquer aventura a que se propõe. Agitador cultural, aos 32 anos, ele firma-se como um dos importantes valores da nova geração mineira.



HELENA LEÃO/DIVULGAÇÃO

Criação poética e reflexão

■ FABIANO CHAVES

ESPECIAL PARA O TEMPO

O Tempo – Recentemente você lançou “Autófago”, terceiro trabalho musical. Conte sobre o processo de criação desse disco.

Makely Ka – sse é meu primeiro trabalho como intérprete solo. Anteriormente, atuava como compositor e colaborava como instrumentista em diversas parcerias. Em 2003, em parceria com o Kristoff Silva e Pablo de Castro, lançamos o disco “A Outra Cidade”. Nesse trabalho, atuei mais como letrista. Meu segundo trabalho, “Danaide”, fiz em parceria com a cantora Maísa Moura. No CD, ela canta tudo o que escrevi e eu basicamente toco em algumas faixas. No “Autófago”, quis mostrar meu trabalho como intérprete. Fiquei muito à vontade para cantar minhas músicas. É um disco mais roqueiro, mais aguerrido, mais militante. Como compositor, acabo sendo conduzido a diferentes melodias. O trabalho vem a partir da palavra. Nesse disco, tive a oportunidade de criar e tocar também. Só toco minhas próprias músicas. Me sinto à vontade assim. E isso acabou por definir um pouco o meu trabalho. Não me arrisco a tocar composições dos outros. Não tenho competência para isso.

Você é uma pessoa que transita em diversos gêneros artísticos. Por que a opção de realizar multiatividades? Isso vem dentro de um conceito recente de auto-produção. Coloquei como meta, sobreviver do meu próprio trabalho artístico. Em função disso, tenho que me desdobrar. Então, tra-

balho muito com oficinas, debates, palestras, edição de livros, por exemplo. São atividades que não têm a mesma visibilidade que o trabalho artístico, mas que complementa financeiramente. Atuando em diferentes áreas, consigo pagar minhas dívidas. O forte do meu trabalho continua sendo a música, a literatura e um pouco de trabalhos em vídeo também. É uma opção muito clara, pois isso me enriquece muito. Você consegue se reciclar. Penso que a troca de experiências é muito importante para o trabalho.

Seu trabalho incorpora um componente crítico e reflexivo. Essa é uma característica que sempre o acompanhou? Você se considera um criador inquieto?

Estudei filosofia, mas acabei abandonando o curso no último período por diversos motivos. Porém, me envolvi muito com a questão da crítica, da reflexão. É um processo natural incorporar questões políticas no trabalho e nem acho que o processo de criação está desvinculado disso. O fato de você nascer em uma determinada cultura, falar determinado idioma, por si só já carrega um elemento político. Isso acontece naturalmente, sem que você perceba. As pessoas fazem parte de um contexto. Esse engajamento político, essa crítica e reflexão, tudo isso é um transbordamento daquilo que vivemos diariamente.

Como poeta e compositor, você consegue estabelecer uma relação entre poesia e música? É possível criar uma poesia cantada?

Isso é até uma oficina que ministro. A relação da tradi-

ção oral com a palavra escrita. A poesia sempre foi cantada. Na história da tradição oral, existem elementos que facilitam a memorização, como rimas. Isso é uma tradição anterior à escrita. Acabou que fomos entender a poesia distinta da música. Mas não é. Atualmente, a letra de composições brasileiras recupera essa questão. Na Índia, os textos clássicos sugerem que foram cantados antes de escritos, por causa de elementos próprios da poesia cantada. Há uma reverberação dessa tradição dentro da música popular brasileira. Não vejo contradição. Sei que quando escrevo canções, tenho que lançar mão de elementos, como a rima, que vão instigar a criação. E ocorre o contrário também, quando recebo uma melodia. Às vezes, faço um poema que não tinha a pretensão de musicalidade. Minha parceria com o Kristoff (Silva) tem muito disso.

Falando em parcerias, conte um pouco dessa característica na sua atividade.

Sempre acho que a parceria é uma concessão que você faz, e acho ela muito bem vinda. Existe uma grande cumplicidade. Além dos parceiros constantes, como o Kristoff Silva e o Pablo de Castro, tenho realizado ótimas parcerias com o Chico Saraiva, o Mário Sêze, o poeta português Thiago Torres da Silva. Elas ampliam o seu universo, abrem caminho para questões que não faria sozinho. São coisas que são fruto da generosidade dessas parcerias. Este ano, tem muita coisa minha em trabalhos de grandes amigos e parceiros. A Maísa Moura, em breve, lança disco com canções minhas, o mesmo com a Elisa Paraíso. Tenho

“O conceito, é no sentido de propor uma nova forma de produção”

“Acho a parceria muito bem vinda. Somos cúmplices”

“A grande indústria exige um discurso de especialista”

trabalhos com o Mestre Jonas, Pablo de Castro, Alda Rezende. Acho isso ótimo. Têm canções que não cantaria.

No seu site, há uma frase que diz “ultimamente, ganho uns trocados como um operário da contra-indústria”. Explique o que quis dizer com “operário da contra-indústria”?

A idéia de contra-indústria, na verdade, vem para substituir o termo independente, já bastante desgastado. Isso vem de diversas discussões em fóruns que participo, onde confirmamos a não-especialização do artista. A grande indústria busca e exige especialização. Isso não tem admissão do todo. O compositor não sabe como o trabalho será distribuído. O distribuidor, por não saber nada de música, enfia o disco em qualquer prateleira. Você perde a noção do todo. O conceito é no sentido de propor uma nova forma de produção. Há uma grande falta de comunicação, acontece um esquema esquizofrênico. A própria inovação tecnológica trouxe uma mudança de paradigmas. É uma outra forma de produção. Trabalhamos com cultura, um bem renovável. Quanto mais se produz, mais estímulo para criar. É outra lógica de funcionamento.

Atualmente, em que projetos está envolvido?

Tenho trabalhado intensamente com a Cooperativa da Música de Minas. É uma demanda antiga, onde desenvolvemos diversas ações. Estamos montando um festival, uma espécie de reedição do “Reciclo Geral”, que foi o ponto de partida de uma geração inteira aqui

de Minas Gerais, como Rafael Macedo, Vítor Santana, entre tantos outros artistas. A intenção é criar o “Reciclo Gerou”, mostrando exatamente o que aquilo produziu no cenário musical de Minas. Também estamos desenvolvendo uma ação para exportar o nosso potencial. Atualmente, temos no Estado uma grande diversidade e riqueza que não tem em outro lugar. Nos últimos dois anos, viajei pelo país e posso afirmar que não há cena como a de Minas Gerais. Também estou envolvido com a criação de um espetáculo de poesia sonora, chamado “Verborragia Mínima”, ao lado do videartista Chico de Pádua e com intervenções eletrônicas da Patrícia Rocha. Junto com o Kristoff Silva, estou trabalhando na trilha para um espetáculo da Cia Seraquê!. No próximo semestre, já começo a trabalhar em novo CD. Temos também a intenção de encerrar o “Expresso Melodia”, projeto do qual sou curador e diretor artístico, em que levou artistas a cidades no entorno da região metropolitana, em Belo Horizonte.

Conte um pouco sobre a sua formação artística.

Toda a minha formação artística vem de família. Na minha infância e adolescência, tive a sorte de conviver com músicos. Meu tio tocava violão, pintava, esculpia. Comecei a aprender a tocar com ele. A minha mãe é professora, então tive estímulo e acesso ao universo da literatura. Já meu pai vem de uma família de vaqueiros. Então sempre teve aquela tradição do aboio, fundamental na minha formação.